

## O FUTEBOL NA OBRA LITERÁRIA DE ALDIR BLANC

Luis Eduardo Veloso Garcia

A pesquisa em questão objetiva traçar um panorama geral do futebol dentro da obra literária do escritor, compositor, poeta, romancista, historiador e até médico Aldir Blanc.

Por ser uma obra calcada no cotidiano urbano, mais especificamente do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, espaço este do qual o futebol é um elemento constituinte do dia a dia, os textos de Aldir Blanc trabalham com o futebol de diversas maneiras, desde seu uso como temática direta, ou de construção de frases que fazem parte deste universo futebolístico mas colocadas em outras contextualizações, até as citações constantes de grandes personagens, jogadas e times que pertencem à mítica construída do imaginário futebolístico brasileiro.

### A marca do cotidiano na obra de Aldir Blanc

A obra de Aldir Blanc, em toda sua completude, desde as letras de canções com as inúmeras parcerias conhecidas, passando pelas crônicas dos jornais e os livros publicados com este gênero como *Rua dos Artistas e Arredores* (1978), *Porta de Tinturaria* (1981), *Brasil Passado a Sujo – A Trajetória de uma Porrada de Farsantes* (1993), *Um Cara Bacana na 19ª* (1996) e *Rua dos Artistas e Transversais* (2006), pelos aforismos de *Guimbas* (2008), na literatura infantojuvenil de *Uma Caixinha de Surpresas* (2010), até mesmo na obra de conteúdo histórico *Vasco – A cruz do Bacalhau* (2009), é constantemente marcada pela busca de retratar o cotidiano, através de histórias que apresentam os hábitos e a linguagem do espaço urbano dentro do seu texto.

Este espaço, legitimamente urbano, tem em Aldir a busca pelo universo do subúrbio carioca, fugindo do lado turístico da cidade do Rio de Janeiro, que é formado pelos bairros da Zona Sul, e indo ao encontro do habitat da Zona Norte.

A opção pela Zona Norte carioca é perceptível na escolha dos bairros que sempre irão aparecer nas suas obras e em todos os gêneros que trabalha, não sendo algo específico da crônica – que é um gênero preocupado com o espaço urbano de maneira mais intensa

que os outros –, pois veremos a mesma busca nas canções, romances e outros modelos literários os quais Aldir produz.

Entre os bairros cariocas que marcam presença nas obras de Aldir, temos a Vila Isabel como figura central – ressaltando a definição que Roberto Moura dá sobre o autor como um “carioca com Vila Isabel no DNA”<sup>1</sup> –, sendo este o bairro em que se situa a Rua dos Artistas, a rua em que Aldir morou dos 6 aos 13 anos e que virou o principal cenário de suas crônicas, tornando-se inclusive título de dois de seus livros: *Rua dos Artistas e Arredores* (1978) e *Rua dos Artistas e Transversais* (2006). Como podemos perceber nos títulos também, a Rua dos Artistas e a Vila Isabel em que ela se localiza são os protagonistas, mas dividem o espaço com os outros bairros vizinhos que formam esse trecho da Zona Norte do Rio, entre eles, Tijuca, Aldeia Campista, Andaraí, Estácio e a Muda, onde Aldir Blanc mora atualmente.

Numa entrevista para *O Pasquim*, em 11 de julho de 1975<sup>2</sup>, ao ser indagado pelo entrevistador Roberto M. Moura para que ele se apresentasse aos leitores, Aldir Blanc descreve justamente os espaços geográficos nos quais ele morou, deixando claro a importância destes para a formação do artista Aldir, cronista, poeta, músico, e até mesmo, médico:

- Nasci em 1946, no Estácio, Rua Santos Rodrigues, transversal da Rua Maia Lacerda. Fiquei lá seis anos e, depois, fui morar em Vila Isabel, na Rua dos Artistas, perto do Benedito Lacerda. Da minha casa, eu ouvia a flauta tocada na dele. Aquele ambiente teve um peso muito grande nas decisões que, muito tempo depois, eu acabei tomando até mesmo inconsciente dessa relação. (...) Essa coisa de família grande, grandes beberões, reuniões constantes, festas incríveis, mesa no quintal. A Zona Norte se entranhou em mim de vez, com seus vitrolões, seus álbuns de 78 rotações.

Aos 13 anos, Estácio de novo. Até 20 anos, quando foi morar no Largo da Segunda-Feira. Aos 25, com o casamento, mudou-se para a Av. Maracanã ("quase Vila Isabel, se andar dois quarteirões estou na Rua dos Artistas"). (BLANC, 2001, p. 6)

---

<sup>1</sup> Trecho do texto escrito por Roberto M. Moura em “Aldir Blanc: dados biográficos sem nenhum compromisso com a isenção”, presente no livro *A Poesia de Aldir Blanc: Arranjos para Guitarra, Violão e Teclados* (2001), de Roberto M. Moura e Luciano Alves.

<sup>2</sup> Os trechos dessa entrevista encontram-se também no texto “Aldir Blanc: dados biográficos sem nenhum compromisso com a isenção”, presente no livro *A Poesia de Aldir Blanc: Arranjos para Guitarra, Violão e Teclados* (2001), de Roberto M. Moura e Luciano Alves.

O espírito do espaço que reflete o estilo do autor vai ser reafirmado em todas as entrevistas de Aldir Blanc, como ele fala à revista digital *Algo a Dizer*: “sou essencialmente um homem da Zona Norte, e é claro que meu trabalho reflete isso”<sup>3</sup>.

O escritor Antonio Torres (1997) destaca no texto “Um Livro Bacana”<sup>4</sup> o papel de retratista de “uma rica galeria de tipos humanos” que fazem parte do cotidiano do subúrbio carioca nas obras de Aldir, tipos que passam “ao largo da Zona Sul”, fazendo parte de “um lado mais obscuro e aparentemente menos sedutor do Rio de Janeiro, com seus dramas particulares, suas malandragens e pequenas vilanias”. É um autor que vê na “Tijuca e adjacências o seu habitat e laboratório”.

Também neste texto, Torres destaca a elaboração da linguagem na obra de Aldir Blanc em todos os gêneros em que trabalha, retratando de maneira perspicaz a fala cotidiana que permeia o subúrbio carioca pela montagem de um texto “coloquial e enxuto”, pois “ele escreve como se fala – e numa linguagem carioquíssima. Dispensa floreios e requintes estilísticos. Vai direto ao ponto, dando às zonas erógenas – por exemplo – seus verdadeiros nomes e apelidos”. Numa outra definição mais direta, Antonio Torres (1997) vai caracterizar, então, nas obras de Aldir “uma espécie de bric-à-brac, um armarinho com frascos de cheiro para os narizes mais sensíveis ao odor que vem das ruas – e das vísceras da sua própria clientela”.

Outro autor que escreve sobre a preocupação de Aldir em levar aos seus escritos o que se encontra no cotidiano é Luis Pimentel (2012), que afirma, no texto “Aldir Blanc é Carioca da Gema”<sup>5</sup>, a gênese de Blanc como um legítimo autor que “tem a Zona Norte de sua cidade cravada no peito esquerdo, ao lado do escudo do Vasco”, e, sem dúvida, é “um dos maiores cariocas que se conhece”.

Sérgio Cabral (1993), no texto “Aldir do Rio”<sup>6</sup>, é mais um que ressalta o talento de Aldir Blanc em “colocar em seu texto (e nas letras de música), inteiros personagens que nunca saíram das ruas e dos botequins”, encontrando similaridades com Nelson Rodrigues, que, como diz o autor, “também andou envolvido com alguns deles”.

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida para a revista digital *Algo a Dizer* na edição 10, de julho de 2008, encontrada no seguinte link: <http://www.algoadizer.com.br/edicoes/apresentacao.php>

<sup>4</sup> Este texto encontra-se na orelha do livro *Um Cara Bacana na 19ª* (1997), de Aldir Blanc.

<sup>5</sup> Texto presente em diversos sites, inclusive no link do Portal Anna Ramalho: <http://www.annaramalho.com.br/news/amigos-da-anna/luis-pimentel/10281-aldir-blanc-e-carioca-da-gema.html>

<sup>6</sup> Este texto é o prefácio do livro *Brasil Passado a Sujo – A Trajetória de uma Porrada de Farsantes* (1993), de Aldir Blanc.

Cabral propõe ainda que Aldir merece fazer parte da galeria de autores que representaram o Rio de Janeiro em seus escritos, sugerindo uma estante de literatura carioca para as bibliotecas, na qual estariam presentes:

Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Lima Barreto, Marques Rebelo, Nelson Rodrigues e Sérgio Porto, a seleção brasileira dos escritores que melhor entenderam o espírito do Rio de Janeiro ou a própria “alma encantadora das ruas”, como escreveu Paulo Barreto que, de tão carioca, adotou o pseudônimo de João do Rio. (CABRAL, 1993, p. 8)

Junto com esse time, um lugar cativo para Aldir Blanc se faz necessário, pois nas palavras de Sérgio Cabral (1993), “o Rio de Janeiro é isso que está nestas páginas; é a cabeça e o coração desse extraordinário Aldir Blanc”. É o cotidiano, especificamente carioca, que faz parte da literatura dos autores citados, e que se encontra no trabalho de Aldir de maneira muito bem construída.

Norma Pereira Rego, através do perfil que cria de Aldir Blanc no livro *Pasquim – Arenas do Rio* (1996), reafirma que o espaço urbano trabalhado pelo autor está relacionado diretamente ao subúrbio carioca referente à Zona Norte, pois os tipos retratados não encontram similaridades com os frequentadores da Zona Sul da cidade maravilhosa, a parte turística dela, e são formados especificamente de figuras que sempre fizeram parte de sua vida pela Rua dos Artistas e seus arredores, tanto nas características quanto na linguagem:

Seus tipos preferidos eram trocadores de ônibus, motoristas de táxis, vizinhas fofoqueiras, famílias enormes, bêbados tranquilos de botequins do bairro, todos falando ao mesmo tempo sobre sexo e futebol ou vastas comilanças e suas consequências malcheirosas. (REGO, 1996, p. 115-116)

No artigo “A Versatilidade Linguística de Aldir Blanc”<sup>7</sup>, Lúcia Deborah Araújo reforça o elemento de identidade entre Aldir Blanc e a Zona Norte do Rio de Janeiro, revelando “uma autêntica colagem de cenas da vida do povo” daquela região específica. Segundo a autora, Aldir consegue representar em seus textos “a vida do povo, o trabalho, o morro, o samba, a boêmia, o bar, o futebol, as crendices e as dores populares”, num trabalho em que aparecem “tanto a crueza da vida do povo como o seu lado engraçado, sem deixar de visitar os recantos da alma humana, complexa em sua natureza” (ARAÚJO, 2004, p. 107).

---

<sup>7</sup> Artigo publicado no *Caderno Seminal Digital* Vol 1, nº 1, Jan/Jun-2004.

É, portanto, da descrição do dia a dia deste espaço urbano que a obra de Aldir Blanc se ocupa, demarcada pela linguagem, pelos hábitos, e, principalmente, pelas cenas que vão desde uma briga de casal até o mais abusado dos papos de boteco, respeitando sempre as especificidades daquele cotidiano retratado.

Por se preocupar com o retrato do cotidiano nacional, com o recorte específico para o espaço urbano do subúrbio carioca da Zona Norte, obviamente a obra de Aldir Blanc versará sobre o futebol, que é um elemento constituinte não só daquele espaço, mas de qualquer referência cotidiana dentro do nosso país.

Podemos afirmar, então, que é da compreensão da presença massiva do futebol dentro do cotidiano nacional que partimos nossa análise, pois, ao se colocar como parte integrante do dia a dia, obviamente se torna capaz de gerar discursos variados como os que refletirão na linguagem do espaço urbano que cerca a obra geral do autor Aldir Blanc.

Tais discursos deste esporte ganham tanta força em nossa cultura que até a aparição de elementos míticos do futebol torna-se possível, como é o caso de alguns jogadores, jogadas e grandes jogos que se imortalizam numa rede de significados que podem ser construídos através de suas histórias.

### **O futebol na crônica de Aldir**

A crônica em nosso país é um dos gêneros que – como nos chama a atenção Afrânio Coutinho no texto “Ensaio e Crônica” – “mais se abrigaram”, tornando-se um espaço essencial do registro dos acontecimentos da cidade, no qual pode-se encontrar tanto a fala quanto as histórias do dia a dia em toda sua plenitude.

Sendo, então, um espaço capaz de refletir o cotidiano urbano de forma leve e natural, mas em nenhum momento supérfluo, veremos em todos os teóricos que escreveram sobre a crônica o caminho da “cidade feita letra” – nas palavras de Eduardo Portella no ensaio “A Cidade e a Letra” – como a chave do entendimento deste gênero.

A extensa produção de crônicas publicadas em livros por Aldir Blanc é formada pelas obras *Rua dos Artistas e Arredores* (1978), *Porta de Tinturaria* (1981), *Brasil Passado a Sujo – A Trajetória de uma Porrada de Farsantes* (1993), *Um Cara Bacana na 19ª* (1996) e *Rua dos Artistas e Transversais* (2006), sendo perceptível dentro destas um número muito grande das quais o futebol aparece de alguma forma, seja na temática ou na linguagem deste esporte.

Entre estas crônicas, algumas são presenças constantes em diversas coletâneas que tenham futebol e literatura como abordagem central, entre elas, “Artistas da Rua Futebol e Regatas”, publicada na antologia *Paixão e Ficção – Contos e Causos de Futebol*, organizada por Luis Pimentel. Fora as crônicas com o futebol publicadas em livro, temos também aquelas que aparecem nos diversos jornais e revistas em que Aldir Blanc colaborou e colabora por mais de 30 anos, entre eles, o marcante início dentro do *Pasquim*, em 1975, as publicações nos veículos *A Hora do Povo*, *Última Hora*, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de São Paulo*, *O Dia*, *O Pasquim*<sup>21</sup> e *O Globo*, onde ainda escreve mensalmente; somando as contribuições para as revistas *Bundas* e *Playboy*.

Entre as principais características do autor dentro do gênero da crônica, destacam-se a força eminente de um grande talento para retratar os tipos e a linguagem do subúrbio carioca, mais especificamente a Zona Norte do Rio de Janeiro, espaço no qual ele cresceu e ainda vive até hoje.

De texto coloquial e enxuto, a fala das ruas torna-se o elemento fundamental para a compreensão do trabalho de Aldir Blanc nas crônicas, cujas comparações com outros autores – entre eles Nelson Rodrigues, Sérgio Porto, Rubem Braga, e até João do Rio – acabam tornando-se naturais para alguns estudiosos.

Como afirmamos anteriormente, ao posicionarmos a crônica como a representação literária de nosso cotidiano, obviamente o futebol aparece com grande força, sendo ele um dos elementos constituintes do dia a dia brasileiro, seja nas conversas, nos meios de comunicação, ou mesmo na prática deste esporte.

Nas crônicas de Aldir Blanc, portanto, o futebol aparece com uma função primordial: representar, através dos seus elementos míticos – jogadores, jogadas ou jogos marcantes – e da linguagem pertencente a este esporte, outros níveis interpretativos dentro destas crônicas, nas quais o futebol se torna um interessante caminho para a compreensão.

### **O futebol na canção de Aldir**

Passamos então para o caso das canções, o espaço em que a obra de Aldir Blanc mais se popularizou, conseguindo, através de gravações de sucesso de João Bosco, Elis Regina, Ivan Lins e tantos outros nomes marcar presença importante na história de nossa música brasileira.

Nesta produção, o número de referências ao futebol também mostra-se extenso, com diversos exemplos conhecidos de letras num universo de mais de 450 canções registradas. Em toda coletânea que envolva a música e o futebol em nosso país, o nome de Aldir Blanc destaca-se, sendo inclusive um capítulo inteiro do livro *Futebol – No País da Música* (2009), de Beto Xavier, além de aparecer em diversas citações da obra *A Presença do Futebol na Música Popular Brasileira* (2010) de Assis Ângelo.

Entre as parcerias mais conhecidas do autor em que o futebol está presente, temos os clássicos compostos com João Bosco, como: “Incompatibilidade de Gênios”, canção que retrata um casal em pé de guerra em que para provocar o homem a mulher insiste não deixá-lo escutar o jogo de sua grande paixão, o Flamengo; “De Frente pro Crime”, canção construída em cima de dois famosos bordões do futebol imortalizados pelo narrador Januário de Oliveira – o “de frente pro crime” do título e o “tá lá mais um corpo estendido no chão” – e que fazem um paralelo de uma situação da violência urbana através de referências ao futebol; “Gol Anulado”, letra que aponta uma analogia entre um amor perdido e a sensação de um gol anulado; e “Linha de Passe”, da qual a narração de várias situações que se completam entre si, como o samba e a feijoada, recebem a devida comparação com a tabelinha de uma linha de passe construída por um time<sup>8</sup>.

Com Guinga, temos canções como “Par ou Ímpar”, que conta a história de um militar ex-torturador do período da Ditadura nacional que ainda repete seus atos de brutalidade dentro das peladas de futebol que disputa, história esta baseada numa figura real; ou “Yes, Zé Manés”, em que a valorização da cultura brasileira passa pela referência ao nosso esporte de um “Romário em frente ao gol”, sempre mortal, nunca perdendo para seus adversários estrangeiros<sup>9</sup>.

Outras parcerias importantes em que o futebol se faz presente e que podemos exemplificar encontram-se nas canções feitas com craques como Djavan, na canção “Êxtase”, da qual um dos retratos da sensação de êxtase é justamente a comemoração de um gol do Vasco no meio da torcida; com Moacyr Luz, na canção “Mandingueiro”, em que o futebol aparece de novo através da representatividade do valor nacional que carrega, dando “olé nos gringo”, como diz a letra.

Sem dúvida um dos casos mais famosos de canção diretamente relacionada ao futebol, embora pouca gente saiba, passa pela produção de Aldir Blanc, que é o compositor

---

<sup>8</sup> As análises de todas essas canções citadas encontram-se pormenorizadas no capítulo intitulado “Bosco e Blanc”, presente no livro *Futebol – No País da Música* (2009), de Beto Xavier.

<sup>9</sup> Estas duas análises também podem ser vistas no livro *Futebol – No País da Música* (2009), de Beto Xavier.

do tema das transmissões do futebol da TV Globo, chamado “Coração Verde-Amarelo”, feito em parceria com Tavito para a Copa do Mundo de 1994 nos EUA, e que acabou se tornando a vinheta usada até hoje em qualquer comercial deste canal quando o assunto é jogo da Seleção Brasileira.

Obviamente, cabem ainda muitos outros exemplos de canções feitas por Aldir Blanc nas quais o futebol aparece em destaque, principalmente por se tratar de um autor tão intensamente gravado, com parcerias que vão desde os nomes citados acima até outros de grande gabarito em nossa canção popular como Mauricio Tapajós, Jayme Vignoli, Sueli Costa, Cristovão Bastos, Luiz Carlos da Vila, Wilson das Neves, Leila Pinheiro e tantos outros. Mas os poucos exemplos citados aqui já conseguem cumprir um pequeno panorama da forma com que ele trabalha esse esporte nas canções, sempre respeitando a importância do futebol como elemento constituinte do cotidiano nacional, por isso o refletindo dentro dos espaços retratados.

### **O futebol na literatura infantojuvenil de Aldir**

O futebol não se limita somente às crônicas e canções de Aldir, pois no único livro de literatura infantojuvenil do autor a trama inteira é construída em relação a este esporte, aparecendo já no título da obra que é uma referência clara a uma das mais conhecidas expressões do futebol criada pelo radialista Benjamin Wright: *Uma Caixinha de Surpresas* (2010).

Construído tanto na significação dramática que este esporte pode refletir – nas palavras do próprio autor na introdução do livro, “um instrumento de amizade, compreensão e autossuperação” – quanto no formato escolhido, numa divisão por capítulos nomeados de maneira que somente um conhecedor do esporte compreenderá (primeiro tempo, intervalo – os principais lances, segundo tempo, prorrogação), aqui, também, o espaço do cotidiano relacionado ao subúrbio carioca é observado pelos jogos e brincadeiras de rua das duas crianças retratadas, Condensado e Cigarrilha.

Como podemos conferir num pequeno levantamento de obras infantojuvenis que versam sobre o futebol e que constantemente ganham prêmios, como é o caso de obras como *Pobre Corinthiano Careca*, de Ricardo Azevedo, ganhador do Prêmio APCA – 1995; *Uma História de Futebol*, de José Roberto Torero, ganhador do prêmio de Altamente Recomendável pela FNLIJ; *Um Garoto Chamado Rorbeto*, de Gabriel, O



Pensador, ganhador do Prêmio Jabuti – Melhor livro infantil 2006; e até mesmo *O Menino Maluquinho*, de Ziraldo, este esporte consegue cumprir um importante papel em nossa literatura para as crianças, pois através de sua popularidade ele encontra um caminho para atingir com a proximidade do dia a dia as emoções e cenas que fazem parte da vida do público-alvo desta literatura.

### **O futebol nos aforismos de Aldir**

Temos ainda uma pequena obra de aforismos chamada *Guimbas*, lançada em 2008, que, como não poderia deixar de ser, tem vários pensamentos relacionados ao futebol. Tais aforismos que encontram a temática deste esporte na obra são marcados pela proximidade que estes têm com as máximas tão comuns ao esporte bretão<sup>10</sup>.

A busca pelo efeito humorístico é outra marca destes aforismos, como podemos ver nos exemplos a seguir presentes no livro: “Na segunda-feira é fácil reconhecer o sujeito que saiu do Maracanã no domingo anterior, encheu os cornos e se meteu numa discussão sobre o resultado do jogo Vasco X Flamengo. É o que tem 12 pontos na testa” (BLANC, 2008, p.23); “Nos primórdios do nobre esporte bretão, airbag era a expulsão do ar, quando a bola atingia, na barreira, o saco do zagueiro” (Idem, ibidem, p.52) ou “Os torturadores são volantes de contenção políticos” (Idem, ibidem, p.81).

### **O futebol no livro sobre a história do clube do coração de Aldir**

Por último, e justamente pela relação ainda mais complementar com o futebol, destacamos o livro *Vasco – A Cruz do Bacalhau* (2009), feito em parceria com o jornalista e historiador José Reinaldo Marques, e que tem como principal intuito, reconstruir a história do clube de coração de Aldir Blanc, o Clube de Regatas Vasco da Gama.

Apesar do conteúdo histórico da formação e da trajetória do time no decorrer de suas décadas ser devidamente respeitado, o autor opta também em outros trechos da obra por contar causos famosos do clube que nem sempre podem ser confirmados historicamente, mas que fazem parte da memória dos torcedores, como lendas sobre jogadores, torcedores ilustres e outras coisas do tipo.

---

<sup>10</sup> Sobre as máximas do futebol, recomenda-se a leitura do artigo “Futebol, Linguagem e História”, de Raul Milliet Filho, publicado nos anais do XIX Encontro Regional ANPUH –SP – 2008.

Este livro, aliás, é o melhor caminho para entendermos a importância que essas histórias do futebol tiveram para ele, tanto como torcedor vascaíno, quanto como apaixonado pelo esporte que compreende o valor que essa prática carrega.

Portanto, seja em seus livros de crônicas, nas letras das canções de grande destaque, na literatura infantojuvenil, na produção aforística, ou até na obra “historiográfica vascaína”, a produção de Aldir Blanc faz do futebol não só um tema recorrente capaz de convergir com o retrato do cotidiano urbano nacional, mas, acima de tudo, um elemento inerente do espaço que define sua obra.

## Referências

ARAÚJO, Lúcia Deborah. “Versatilidade Linguística de Aldir Blanc”. In: *Caderno Seminal Digital*, Vol. 1, Número 1, 2004. P. 105-119.

BLANC, Aldir. Aldir Blanc - Rio, Zona Norte. [Julho, 2008]. Rio de Janeiro: *Revista digital Algo a Dizer*. Entrevista concedida a Marcelo Barbosa, Áurea Alves, Gustavo Dumas.

BLANC, Aldir. *Brasil passado a sujo: a trajetória de uma porrada de farsantes*. São Paulo: Geração, 1993.

\_\_\_\_\_. *Guimbas*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2008.

\_\_\_\_\_. *Porta de tinturaria*. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

\_\_\_\_\_. *Rua dos Artistas e arredores*. São Paulo: Codecri, 1978.

\_\_\_\_\_. *Rua dos Artistas e transversais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

\_\_\_\_\_. *Um cara bacana na 19<sup>a</sup>*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

\_\_\_\_\_. *Uma caixinha de surpresas*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.

\_\_\_\_\_. *Vasco: A cruz do bacalhau*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

\_\_\_\_\_. *Vila Isabel: inventário de infância*. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, Prefeitura, 1996. (Cantos do Rio; 5).

BLANC, Aldir; BOSCO, João. *De frente pro crime*. Rio de Janeiro. RCA, 1975.

BLANC, Aldir; BOSCO, João. *Gol Anulado*. Rio de Janeiro. RCA, 1976.

BLANC, Aldir; BOSCO, João; EMILIO, Paulo. *Linha de passe*. Rio de Janeiro. RCA, 1979.

BLANC, Aldir; DJAVAN. *Êxtase*. Rio de Janeiro. EMI-Odeon, 1980.

BLANC, Aldir; GUINGA. *Par ou ímpar*. Rio de Janeiro. Velas, 1993.

- BLANC, Aldir; GUINGA. *Yes, Zé manés*. Rio de Janeiro. Caravelas, 2001.
- BLANC, Aldir; LUZ, Moacyr. *Mandingueiro*. Rio de Janeiro. Dabliú, 1998.
- BLANC, Aldir; TAVITO. *Coração verde amarelo*. Rio de Janeiro. Som Livre, 1994.
- CABRAL, Sergio. “Aldir do rio”. In: BLANC, Aldir. *Brasil passado a sujo: a trajetória de uma porrada de farsantes*. São Paulo: Geração, 1993.
- COUTINHO, Afrânio. “Ensaio e crônica”. In: \_\_\_\_\_. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- MOURA, Roberto M. e ALVES, Luciano. *A poesia de Aldir Blanc: Arranjos para guitarra, violão e teclados*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001.
- PIMENTEL, Luis. Aldir Blanc é Carioca da Gema. Disponível em: <http://www.annaramalho.com.br/news/amigos-da-anna/luis-pimentel/10281-aldir-blanc-e-carioca-da-gema.html>. Acesso em: 20 de ago. 2013.
- PORTELLA, Eduardo. “A cidade e a letra”. In: *Dimensões I*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
- REGO, Norma Pereira. *Pasquim: gargalhantes pelejas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- TORRES, Antonio. “Orelha do livro”. In: BLANC, Aldir. *Um cara bacana na 19ª*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.